

DOSSIÊ TEMÁTICO

Pelas Janelas: Faíscas urbanas e imagens da infância

Tainá dos Santos Oliveira¹

Laís Medeiros Amado²

Resumo: O presente artigo aposta na força de contar histórias. Narrar é um ato ético, estético e político, desenvolvido na psicologia social para recuperar memórias, trajetórias, condições, vidas e experiências que são sistematicamente postos à margem, quando não intencionalmente destruídos, apagados. O texto opera como uma brincadeira de rememoração e invenção. No decorrer das lembranças, crianças desestabilizam a relação contínua entre passado, presente e futuro. Longe da ideia de um passado estanque, imagens da infância protagonizam histórias trocadas entre duas amigas. Assim, aqui vigoram histórias como a de uma criança que brinca com os restos da urbe, outra que se fantasia e inventa para si outras vidas, outra ainda, que no percurso pela cidade resiste ao empuxo à conformação binária dos lugares. Todas elas sustentando singularmente a invenção de outros gestos. Aqui, o ato de rememoração e narração soa como imperativo ético para enfrentar e os discursos que atravessa os corpos e modulam as experiências. A inflexão central deste artigo não está na busca por verdades sedimentadas no tempo passado das histórias narradas, tampouco na ânsia por respostas esclarecedoras. Através da rememoração, invenção e montagem de imagens distintas podemos estabelecer quadros de significação que suportem, mesmo que temporariamente, a complexidade das experiências atuais. Apostamos que o exercício narrativo opera como vetor desestabilizador dos modos hegemônicos de experimentar e representar gênero e sexualidade nos cenários da urbe.

Palavras-chave: Infância. Narrativa. Memória.

1. Prólogo

O presente artigo aposta na força de contar histórias. Narrar é um ato ético, estético e político, desenvolvido na psicologia social para recuperar memórias, trajetórias, condições, vidas e experiências que são sistematicamente postos à margem, quando não intencionalmente destruídos, apagados (FERREIRA, 2006; 2011; 2016). Histórias que emergem não por acaso, mas em diversos encontros das autoras (mulheres cisgêneras,

¹ Doutoranda e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Contato: tainacfrj@gmail.com

² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Contato: laism.amado@gmail.com

lésbicas, psicólogas sociais, pesquisadoras, cariocas) - com as infâncias que povoam o mundo.

No cenário vigente, não são poucos os comentários explicitamente homofóbicos proferidos pelo atual presidente da república. O discurso de ódio dirigido à população LGBTI³ é frequentemente corroborado por outras autoridades. A emblemática frase “menino veste azul e menina veste rosa”, expressa pela Ministra Damare Alves e o gesto de censura do atual prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella⁴, que optou por retirar da Bienal do Livro um HQs que reproduzia a imagem de dois jovens homens se beijando são alegorias de um presente marcado pela ascensão de forças conservadoras que tomam crianças e infâncias como categorias de proteção⁵. Ecoa, aqui, o clamor de Paul Preciado (2013): “Quem defende a criança queer?” evidenciando que tais forças conservadoras defendem a garantia da heteronormatividade e o futuro regulado para corpos infantis.

A racionalidade capitalista fragmenta e lineariza as diversas experiências temporais da humanidade, promove a infância como uma posição menorizada, que deve ser superada em nome de uma humanidade plena (JOBIM e SOUZA, 1996). Entretanto, experiências infantis podem explodir os modos estabelecidos pelo capitalismo de produção tecnicizada e massificada do viver (BENJAMIN, 1987). No decorrer das lembranças, crianças desestabilizam a relação contínua entre passado, presente e futuro.

Certas de que evocar memórias marginalizadas por tais discursos é uma ferramenta de enfrentamento aos mesmos, recorremos a imagens que tensionam estereótipos de gênero e produzem fissuras naquilo que seria um passado estanque e evidente. Mais do que buscar a verdade e a exatidão do vivido, o exercício de rememoração feito neste artigo quer, sobretudo, se aproximar da experiência de outras mulheres para que juntas possamos encontrar “as palavras adequadas para o mundo em que acreditamos, nos sobrepondo a nossas diferenças” (LORDE, 1984, s/p).

Assim, partimos de uma paisagem trivial, um diálogo entre as duas amigas. Do interior do quarto, elas trocam recordações. Compartilham histórias de um tempo brincante e incerto. Juntas, se põem a lembrar. O movimento não se pretende restaurador.

³ A sigla LGBTI recebe inúmeras críticas por suas evidentes limitações. Há estratégias de acréscimos de letras que especifiquem identificações e/ou utilização de caracteres que indiquem abertura. A sigla LGBT ainda é de uso frequente na designação de políticas públicas. Entretanto, a principal rede de organizações do país, a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) utiliza a sigla como aqui apresentada. Dessa maneira, optamos por tal versão, mesmo sabendo que esta pode modificar de acordo com as lutas e reivindicações dos movimentos sociais.

⁴ Ver mais em: < <https://ponte.org/os-retrocessos-do-governo-bolsonaro-para-lgbt-em-2019/> >. Acesso em: Abr. 2020.

⁵ Essa cena foi analisada em profundidade em artigo anterior (OLIVEIRA, no prelo).

As pretensões de resgate e representação do passado se desmancham pouco a pouco. É o choro de uma criança a faísca que ativa as histórias. Da janela, a imagem de um menino que resmunga e brinca na calçada evoca tentativas frustradas de classificar a infância. Ao narrar, fragmentos incertos daquilo que foi vivido emergem, indubitavelmente, contaminados pelo presente de quem conta. O tempo decorrido, livre de qualquer tom maniqueísta, é oscilante e escorregadio.

Nesse sentido, este artigo opera como uma brincadeira, envolvendo referências ou fontes que inspiram a psicologia social com abordagem narrativa. Isso não significa ausência de rigor, afinal,

Longe de ser um retrato fiel da realidade, a brincadeira não apenas se apresenta como a maneira singular como a criança interpreta o mundo em que vive, mas também como a desconstrução desse mundo. O terreno do brincar é o do discurso em sua potência dialógica, aberto às disputas de sentidos, em que as crianças tecem transcrições sobre os seus mundos de vida (SALGADO; SOUZA, 2018, p. 254).

Entre brincadeiras de quintal, percursos citadinos e olhares incisivos, a força disruptiva da memória ameaça transformar o presente. Crianças indóceis querem transformar o mundo. A aposta é não passar incólume por essas trajetórias.

2. Da janela: uma criança

Da janela, o costumeiro som vindo do bar já não provoca incômodos. O alarido viril tornou-se parte do quarto. O quadro de moldura branca pregado na mesma parede há anos. A cômoda de madeira maciça com um lascado na lateral. O vaso de uma planta miúda dessas que não morrem por qualquer motivo. Tudo é tão pertencente àquele lugar quanto o vozerio adulto que invade a casa. Elas parecem já ter se acostumado. Mas, do alto da janela, um som ínfimo irrompe no interior. Uma faísca de som que não compete em volume com o falatório dos homens, mas chama atenção por seu distinto tom. “Por favor, por favor mãe, só mais um pouquinho”, ele insiste, agarrado à barra da saia da mãe, implorando por mais brincar. Um choro infantil embala a voz do menino.

Do segundo andar pouco se vê além de outras tantas janelas e um ângulo torto e estreito do bar. De cima, só se vêem as mãos pequeninas a sacudir o corpo materno. Seu rosto, seu corpo, escapam aos olhos de quem espia do alto. Mas a voz, o choro ínfimo, ecoam no quarto como um berro a romper com o falatório cotidiano do botequim.

Já é tarde, e a mãe responde ao menino com um “sossega garoto” e talvez até um leve tapa - que do quarto não faz muito estalo. Da cama, elas gargalham e resmungam ao avistar a cena: Que fofo, de um lado. Que saco, do outro. O vozerio inflamado dos homens forma um som tão uniforme que ao invés de abafar o ruído infantil, destaca-o. A criança - sacolejando a mãe que, distraída, pede mais uma cerveja - agora faz parte da paisagem.

Cala a boca menino, uma pensa em gritar da janela, enquanto a outra ri e lembra de ser criança... tenho saudades de ser criança, ela diz. A frase incitada pelas súplicas do menino - que perturba a mãe, esgarçando seu vestido de tanto puxar - ecoa no quarto e naquela conversa já contaminada pelo tardar da hora e pelas taças de vinho em mãos. Tenho saudades de ser criança. As breves e despreziosas palavras vindas da amiga atiçam o pensamento rumo a novos tempos.

Em um segundo, a outra se dá conta de que nunca havia pensado sobre isso. Não sabia se tinha ou não saudades de ser criança. Como isso era possível? Acostumada a dureza do mundo adulto assustou-se com aquela afirmação tão natural de quem sabia exatamente do que sentia falta: do brincar, do correr, dos gestos leves, da palavra ingênua e de um fingir legítimo, permitido somente a quem ainda é criança. Essa criança que goza da “faculdade de se interessar vivamente pelas coisas, mesmo pelas mais triviais em aparência” (BAUDELAIRE, 1993, p. 223). Entre a dureza dos corpos adultos e às forças infantis, que linhas podemos traçar?

Atiçada pela frase da amiga e pelo resmungar do menino, quis então lembrar de ser criança. Força o pensamento para trás em busca de respostas, enquanto do lado de fora a criança ainda chora e ri pedindo à mãe com jeitinho por mais minutos na rua. Força, mas a infância que lhe vem tão embaçada, escorregadia por entre os pensamentos, é boa? A saudade certa da amiga parece lhe obrigar a testemunhar uma infância feliz.

Mas talvez não tivesse tido mesmo uma infância tão gloriosa, ela ousa pensar. Talvez por isso suas lembranças infantis não fossem dignas dessa saudade tão certa que a outra ali lhe confessa com brilho nos olhos. Todavia, não lhe vêm memórias tristes, nada que predomine no pensamento e a faça lamentar aquele tempo.

Lembra, pois, da casa da avó que lhe abrigou na infância e com certo esforço narra à amiga o corredor comprido que liga as três casas no mesmo quintal onde ela vivia a inventar suas tolices de criança: o grande campeonato atlético que se repetia semanalmente e exigia que a mãe lhe costurasse roupas dignas de uma ginasta olímpica. Tinha dúvidas se a mãe um dia soubera costurar, mas o macacão listrado e justo no corpo com a bandeira do Brasil no peito era tão vivo em seu pensamento que podia apostar que

sim, a mãe o teria costurado inteiro à mão. As arapucas de pegar rolinhas espalhadas pelo quintal demandavam não só pedaços de madeira aliados a painéis velhos, mas também um chapéu esverdeado que lhe emprestava tons de caçadora. Teria, de fato, em suas armadilhas, alguma vez, capturado algum pássaro?

Já não sabia mais. Ao passo em que se empenha em contar os detalhes de sua meninice para a amiga, sente suas lembranças escaparem de si mesma, desestabilizando qualquer privatismo da história e a obrigando a abandonar a segurança de um passado cristalizado para mergulhar na superfície de histórias singulares. “Essa é uma das estranhezas, ou melhor, das pretensões da narrativa. Ela só “narra” a si mesma, e essa relação, ao mesmo tempo em que se faz, produz o que conta [...]” (BLANCHOT, 2013, p. 9). E assim, as histórias se inauguram ali, no instante mesmo do contar, entrecruzando passado e presente.

Entre as inúmeras brincadeiras da infância, recorda o beiral estreito da janela que ligava a pequena sala escura à varanda de azulejos brancos e pequeninos. Do lado de dentro, as luzes quase sempre apagadas, os móveis limpos e o cheiro de peroba impregnavam o lugar, revelando o ar de sobriedade da sala de estar. Do lado de fora, o clarão do dia e os inúmeros brinquedos espalhados pelo chão enchiam de alegria e desordem a varanda comprida. Ao fundo ainda podia ouvir ressoar a voz aguda da mãe obrigando-a a arrumar tudo. E logo, menina!

Porém, as cores, o som, o cheiro, tudo aquilo lhe vem sem ofertar certezas. Talvez fossem as taças de vinho turvando as lembranças. Talvez a idade já começara a apagar as recordações. Repara nos olhos atentos de quem lhe ouvia narrar as memórias da infância e se sentia um tanto constrangida com a cena. Constata inverdades em suas próprias palavras. O cheiro forte, os contrastes da luz, os pássaros, a voz aguda da mãe, aquilo tudo era real? Suas palavras forjavam um passado incerto. Mas, afinal

Mesmo que o passado tenha realmente acontecido e deixado no presente marcas reais de uma existência, nada garante o estatuto unívoco de tal realidade. Ela só pode ser postulada, mas nunca se pode rigorosamente demonstrar, como num axioma de geometria, que apresentou somente e unicamente, tais qualidades e não outras. A “descrição” do passado é uma construção que obedece a interpretação de rastros de diversa ordem (documentos, arquivos, testemunhos etc.) e a injunções singulares de enunciação, ligadas ao presente específico do historiador” (GAGNEBIN, 2011, p. 160).

Distantes de uma caracterização conclusa e imóvel do tempo, lembranças se abrem ao presente no ato de narrar. Incertezas percorrem o pensamento de quem enuncia.

Encostada à beira da cama, as memórias nada mais são do que fragmentos hesitantes e impregnados de presente. É assim que abre mão da exatidão do que viveu, olha nos olhos da amiga e se põe a contar.

***6

Naquele vão alto e sem cortinas que separava os dois ambientes da casa antiga, meu pai quase sempre deixava esquecida sua máquina de escrever. Eu olhava com curiosidade para aquela máquina grande e barulhenta repousada na janela. O som; o brilho das teclas sempre limpas; a pequena alavanca do lado esquerdo, tudo me parecia sério e distante demais, tal qual a imagem do meu pai sentado à mesa da sala datilografando calma e misteriosamente textos que eu sequer sabia do que tratavam.

Nos intervalos, era quando ele limpava a mesa e apoiava a máquina de escrever na janela. Nunca soube se por esquecimento ou provocação ele a deixava ali naquele beiral estreito onde eu costumava brincar. Em dias de chuva, subir na janela era como subir em árvores. Eu encarava a máquina com um misto de medo e admiração. Rodeava, rodeava, entretanto, não ousava me aproximar dela na frente do meu pai.

Mas, mal ele saía de casa, num impulso de coragem eu me equilibrava na janela, ajeitava as roupas, prendia o cabelo, esticava a coluna e com firmeza encarava aquelas inúmeras teclas a minha frente. Algo de novo se inaugurava. Eu datilografava devagarinho para evitar que o barulho me denunciasse. Copiava de um livro palavras de difícil pronúncia e assim passava tardes inteiras fingindo serem outras.

Papai só retornava quando eu já havia descido. Nunca me flagrou. Era uma espécie de permissão disfarçada o que nos unia. Eu trocava carrinhos e bonecas para me tornar outrem junto à máquina de escrever, horas e horas me dedicando a textos complexos e fantasias infindas. Foi assim. Era assim. Ainda não sei se boa ou ruim, mas minha infância parece ter sido essa necessidade incessante de ser várias.

Um novo mundo se abria a cada vez que do alto da janela ela tornava-se outra. Mas, no segundo mesmo em que alçava vãos, pulava de volta ao chão para retornar a ser

⁶ Optamos pelo uso de asteriscos para indicar o início e fim das lembranças evocadas em primeira pessoa.

caçadora de passarinhos no quintal, ginasta olímpica no sofá e tantas outras que havia sido e já não lembrava mais. Do alto daquela velha janela, pulava de um cômodo a outro, transitando entre mundos distintos.

Agora, anos depois, o vinho, o quarto pouco iluminado, o brilho nos olhos da amiga, o resmungar do menino que invadia a cena e as lembranças quase bobas da infância lhe fazem afirmar com certeza: não tenho saudades de ser criança, dava-se conta. Mas tenho saudades de pular aquela janela, isso eu sei, tenho saudades de saltar, afirma sem hesitar.

As amigas conversam, embriagam-se e folheiam os livros jogados sobre a mesa. Artigos sublinhados, revistas emprestadas, quadros e porta-retratos espalhados pelas prateleiras. A luz do quarto apagada e a penumbra acendendo os pensamentos.

Do quarto, levemente embriagada, debruça-se na janela em busca do menino que já havia um tempo não mais chorava. Percebeu que ainda estavam lá embaixo, os dois, menino e mãe. Ela com um copo de cerveja nas mãos. Ele a brincar com pedras e galhos que na calçada se espalham. Havia enfim, a mulher, cedido aos apelos do filho ou apenas a mais um casco de cerveja?

O menino sentado na calçada boêmia passa despercebido aos adultos que ali transitam. Exceto, vez ou outra, quando alguém tropeça em seus pés e lhe oferta um sorriso complacente ou direciona um olhar crítico à mãe. Agora seu corpo todo está à mostra. Mas as pequeninas mãos continuam a chamar atenção. Sujas de terra, elas firmam galhos sobre uma pedra e o fazem girar imitando o movimento de uma hélice. Na palma da mão, a pista de pouso. Da sua boca, um sopro forte imita uma ventania que abala o helicóptero feito de resíduos urbanos. Não se trata de imitar o mundo adulto, mas de inaugurar uma relação nova e original com os restos.

“[...] [o] brinquedo, mesmo quando não imita os instrumentos dos adultos, é confronto, e, na verdade, não tanto da criança com os adultos, mas destes com a criança. Pois quem senão o adulto fornece primeiramente à criança os seus brinquedos?” (BENJAMIN, 2009, p. 96).

A voz chorosa do menino fica para trás dando espaço para o “tectec” infindo das invisíveis hélices a girar no ar. Das pedras, dos galhos e da imaginação um inteiramente novo é fabricado. (BENJAMIN, 2017). Ao olhar do alto o menino brincando no chão, ela percebe que, mesmo sem sair do lugar, ele havia saltado.

Ela se volta para dentro do quarto, olha os livros empoeirados na cabeceira, a garrafa de vinho quase finda, mira nos olhos de quem lhe acompanha e com quem

compartilha os últimos goles e pergunta com franqueza: você, tão saudosa da sua infância, ainda é capaz de pular essas janelas? Ou, entre a dureza dos corpos adultos e às forças infantis, que linhas podemos traçar?

4. Pelas ruas: duas crianças

Em meio à cumplicidade explícita de seus olhares, elas se rendem a mais uma garrafa de vinho. Se a sobriedade atrapalha os saltos, a embriaguez talvez favoreça os pulos. Enchem novamente os copos e brindam aos ruídos da vida. Barulhos que seguem vibrando mesmo quando o passar das horas esvazia a urbe. O bar fechou e os gritos da criança já não fazem mais eco no interior da casa. Agora é a pergunta endereçada pela amiga que atíça suas memórias: será que se arrisca a pular a janela? Em silêncio evoca outras histórias - memórias, fantasmas.

Lembra, pois, que foi da janela que amou pela primeira vez. O apartamento onde cresceu era pequeno para o tamanho da família, costumava buscar por ar e silêncio no parapeito da janela gradeada. Sentava na beirada com as pernas balançando para fora tateando com os pés a folhagem do enorme abacateiro que ficava em frente ao prédio, tão alto que a alcançava no terceiro andar. A vida corria dentro de casa enquanto ela ficava por horas ali camuflada pela cortina, se equilibrando no limite.

Foi por entre o verde das folhas que a viu pela primeira vez. Puxava uma mala de rodinhas quase do seu tamanho e equilibrava caixas nos braços. Voltava de viagem? Mudava-se de casa? Chegava ou Saía? Do beiral, buscava um jeito de ver melhor a menina, afastava os galhos com uma das mãos enquanto tentava se manter camuflada nas folhas. O farfalhar chamou a atenção da passante que olha para o alto catando a origem dos ruídos, se distraíndo do caminho. Não demora e a distração cobra seu preço, a rodinha da mala se prende no paralelepípedo e a menina vai ao chão com caixas e tudo.

Das caixas voam pertences, restos de um outro tempo. Da janela, ela mais adivinha do que vê: um lápis, folhas de papel, pedaços carcomidos de madeira, um chapéu esverdeado, um macacão colorido com a bandeira do Brasil. A menina levanta com um salto, rápida como felina, olha envolta à cata de testemunhas. Ajeita a roupa, guarda alguns dos pertences na mala, deixa outros para trás, como num gesto displicente deixa pelo passeio rastro e restos e segue o caminho arrastando a bagagem um pouco menos pesada.

Foi o desprendimento com o qual deixou parte de seus pertences para trás que chamou a atenção daquela que espiava de longe. Afinal, ao crescer, aprendia a não deixar nada para trás. Carrega consigo tudo o que tem, de valor ou não. Naquela idade costumava ser um pacote de biscoito, dois ou três livros, pedras e gravetos. Pensando bem, hoje também. Já aquela garota não parecia temer assaltos ao deixar suas coisas sob o sol, no asfalto. Desapego ou confiança? Desatenção ou coragem?

Fato é que, do alto da janela, a cena da menina atrapalhada lhe captura, e por alguns segundos, deseja confiar nas ruas tanto quanto ela. Deseja a coragem dela. Deseja a ela e suas coisas. Desce da janela apressada e corre em direção à rua. Antes que a outra retorne, revira a caixa entreaberta e do seu interior, saca a pequena máquina de escrever. Seu primeiro amor.

A hesitação toma conta do quarto, é arriscado enfrentar as memórias. Mas a taça cheia de vinho e o olhar companheiro da amiga facilitam a emergência das recordações. Juntas, embriagadas e um tanto imersas no mundo brincante das crianças, assumem os riscos de pular a janela. Essa moldura que recorta a parede parece ser bem mais que um enquadramento para o fora, pode ser também a passagem para um outro tempo, a brecha para brincar com os restos de outrora e transformar o presente. Assim, se põe a contar:

O amor só havia aparecido para mim há poucos dias. Eu ainda gestava a coragem para vivê-lo. E tecer coragem toma tempo, de modo que naquele dia eu perdi a hora da escola, inventando palavras nas páginas, no tec-tec ritmado da máquina eu ensaiava eu te amo sentada na escrivaninha. Talvez ainda ensaie. Mas, fato é que saí de casa às pressas. Preferi pegar a linha conhecida por seus motoristas afobados, que cortavam as ruas cantando pneu e avançando sinais, só estes davam conta da minha ânsia de chegar logo.

A empresa de ônibus também era famosa pelo estado precário de seus automóveis. A cada curva sacudiam os bancos e tremia o piso. O sinal era dado com um grito, pois as campainhas há muito já não funcionavam. Para quem só embarcava vez ou outra não devia ser notória a segregação imposta ali. Mas, eu estava lá de segunda à sábado e podia perceber o pacto implícito que determinava os lugares.

Na frente, os senhores e senhoras que frequentemente saltavam na avenida comprida, próxima à escola, onde havia quatro ou cinco bancos, dois ou três mercados. Ali também cabiam as meninas uniformizadas, de cabelos compridos, lisos e

cuidadosamente penteados que conversavam entre si sussurrando. No fundo, parecia não caber ninguém acima dos vinte anos e era comum os meninos - que prevaleciam nos últimos bancos - estarem sem camisa. Passavam a viagem inteira esticando o corpo para fora da janela e zombando de todos os passantes. Todos os dias, o silêncio que prevalecia na parte da frente do ônibus era quebrado pelo alvoroço das brincadeiras juvenis.

Dia após dia, meus pés bambeavam sem saber onde ficar. Afinal, ou eu sentava ao fundo, onde os meninos da escola fumavam seus cigarros clandestinos em conluio com o trocador, ou eu disputava espaço entre as senhoras que achavam que, pela idade, eu sempre deveria ceder o lugar.

Fato é que nos últimos ou nos primeiros bancos, os olhares enviesados eram os mesmos. Minha roupa e meu corte de cabelo pareciam convocar a curiosidade alheia. Eu era um deles ou uma delas?

E não pense que assim se fazia aquele espaço, frente versus fundo ou silêncio versus barulho. Eles versus Elas. Qualquer tentativa binária de compreensão soaria reducionista ao extremo. A saída seria simplista demais e, ao menos para mim, a geografia daquele ônibus nunca foi banal.

De algum modo me amedrontava sentar lá atrás. Parte de mim desejava participar da brincadeira, dar um trago nos cigarros que rolavam sem pudor e debochar dos transeuntes. Mas, sem dúvidas, maior que a vontade de entrar na brincadeira era o medo de me tornar alvo da própria brincadeira. Parte de mim gostaria de acompanhar as conversas sussurrante das senhoras. Mas sem dúvida, maior que a vontade de conversar baixinho era o medo do sussurrar virar silêncio.

Nos ônibus lotados da Capital eu enfrentava o empuxo à conformidade. O interdito expressado nos olhares me anunciavam que nem o uniforme escolar nem o cabelo recentemente alisado seriam álibis. Não eram o suficiente para garantir o trânsito pacífico entre aqueles espaço. Parecia mesmo que eu deveria escolher definitivamente qual lugar eu queria habitar. Querendo ou não, algo em mim escapava aos padrões, extrapola e confunde os quadros de significação. Na geografia deste coletivo eu era o resto da urbe.

Eu não estava certa qual era o meu lugar, nem muito bem qual gênero performar, mas ainda sabia como brincar. Remexo nos bolsos, mudo a perna de apoio, abro a mochila catando distração, busco qualquer coisa para distrair os olhos e as mãos: pedras, pedaços de madeira, tecidos coloridos com as cores da bandeira, mas não acho. Sem nada que pudesse virar brinquedo na bagagem me resta jogar com o corpo.

Abro e fecho os olhos em uma repetição calculada, abandonando meu corpo ao balançar do ônibus, ia sentindo as curvas, escutando os ruídos do entorno. Ora de olhos fechados, ora atenta a paisagem. A janela e o meu corpo compõem o circuito que me permite adivinhar as paradas e as curvas. Brinco de inventar o futuro.

Reta, fecho os olhos, as ruas estão cheias de gente correndo como sempre. Curva suave à direita, abro os olhos, um vácuo de silêncio. Fecho os olhos. Em segundos chegaremos na avenida comercial. Abro os olhos, o comércio fechado, mas ambulantes ainda vendem água no sinal. Fecho os olhos, outra curva à esquerda. Já já o ônibus parará e as senhoras descerão. Abro os olhos. Reta, o menino do fundão riem alto, abro os olhos. Já nos aproximamos da escola. Fecho os olhos, duas curvas suaves à direita, Sinto o vento passar pela janela. As crianças do Tuiti estão em cima das lajes soltando pipa. Curva fechada à direita, abro os olhos. A cidade reta. Reta, fecho os olhos. A imaginação curva.

Da janela do ônibus que cortava a cidade apressado, no movimento impresso no meu corpo que oscilava ao sabor do percurso, na brincadeira de abrir e fechar os olhos eu adio a decisão de onde descansar meu corpo. Decidir onde sentar ou quem ppear não me parecia tão urgente. E eu já não tentava me encaixar. Estava pronta para saltar.

Um clarão invade o quarto. O dia amanhece. Cedo demais para dormir. Embriagadas demais para seguir evocando lembranças.

Ela quer dizer, mas depois de duas garrafas de vinho fica difícil enunciar qualquer coisa à amiga, que agora lhe encara como a pouco encarava as ruas pela janela – curiosa, viva. Uma esvazia o copo, a outra estende a mão. Olham a máquina de escrever empoeirada na escrivaninha. Já é tempo de viver este amor. Resta pular a janela.

5. Epílogo

É fácil quedarmos capturadas pelo mundo enrijecido dos adultos e perder algo da infância. O alvoroço de uma corrida, a cantiga de rua que todos querem cantar, as vozes que se entrelaçam como anzol, os corpos brincantes que se jogam nas valetas, o desejo de cidade onde nunca se canse (KAFKA, 1994), toda essa força infante que contrasta com a seriedade de corpos que por vezes mais parecem “máquinas que batem umas contra as outras” (PASOLINI, 2019, p.3).

A história e os discursos sobre o gênero nunca foi só uma, as histórias sobre a infância também não, ainda que esta última seja facilmente constrangida pela civilidade sóbria do mundo adulto, não devemos deixar de percebê-la naquilo que é talvez uma das suas mais singulares características: escapar “para fora do enquadramento opressivo” (BINES, 2019, p.5).

Apostamos que dar relevo a pequenos gestos infantis e cotidianos pode muito bem produzir fissuras nas conceituações e ideias que se querem unívoca e estanque. A história sempre conteve conversas de bar, segredos de meninas, brigas sem motivo, tesouros guardados em caixa, intrigas e amantes escondidas embaixo da cama, fantasma, assombração, entidades sem herói nem vilão, infâncias perdidas. O banal quebra o grande e se ergue sublime sob seus cacos. É fazer uma peça inteira a partir de pedaços.

A infância já passou, mas algo permanece aqui, porque os vácuos da memória indicam um passado inacabado que continua a produzir o presente (GAGNEBIN, 2011; BENJAMIN, 1987). Evocar o passado, falar daquilo que volta, daquilo que retorna no encontro entre amigas, nos possibilita reconfigurar o presente. Histórias, objetos, lembranças, invenções. Memórias inacabadas. Para Gagnebin (2011, p.16):

[...] a exigência de rememoração do passado não implica simplesmente a restauração do passado, mas também uma transformação do presente tal que, se o passado perdido aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja, ele também, retomado e transformado.

Seria, portanto, nesta direção ética que apostamos ao produzir narrativas inconclusas, performatizando a instabilidade e precariedade dos enunciados e produzindo outras conexões possíveis. Assumimos que a possibilidade de enunciar ou de criar uma história sobre si é localizada e historicamente situada. Ao operar movências no jogo textual, nos distanciamos da lógica de representação.

É o princípio da partilha que defendemos, partilha esta que pode ser performatizada no andar atenta pela cidade, em dividir taças e brincar com os cacos da urbe ou escrever um texto. É preciso enfrentar o desafio de criar terreno discursivo, criar condições de emergência para que outras histórias tomem relevo, é a este serviço que colocamos o exercício narrativo aqui performatizado. Ao aliar memória à invenção “cada uma de nós deve reconhecer sua responsabilidade de tirar essas palavras para fora, lê-las, compartilhá-las e examiná-las em sua pertinência à vida.” (LORDE, 1984, s/p).

Através da rememoração, invenção e montagem de imagens distintas podemos estabelecer quadros de significação que suportem, mesmo que temporariamente, a

complexidade das experiências atuais. Pequenas molduras para mirar o cotidiano, mais ainda, quadros para inventar cotidianos. Janelas para ver com olhos ébrios e pular como criança.

Referências Bibliográficas

BAUDELAIRE, C. O pintor da vida moderna. In _____. **Obras estéticas: Filosofia da imaginação criadora.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1993, p. 223-224.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2009.

_____. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas. v.1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Rua de mão única. Infância berlinense: 1900.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BINES, R. K. **A grande orelha de Kafka.** Cadernos de leitura Chão da Feira, n. 87/ série infância, 2019.

BLANCHOT, M. **O livro por vir.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

FERREIRA, M. S. **A cidade como texto: fragmentos da experiência homossexual masculina no Rio de Janeiro contemporâneo.** 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

FERREIRA, M. S. Enunciações de si em estudos sobre as sexualidades: proposições metodológicas. In: FERREIRA, M. S.; MORAES, M. (Orgs.). **Políticas de Pesquisa em Psicologia Social.** Rio de Janeiro: Nova Aliança, 2016, v. 1, p. 93-117.

FERREIRA, M. S. Walter Benjamin e a questão das narratividades. **Mnemosine**, v. 7, n. 2, p. 121-133. 2011. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41479>>. Acesso em: 09 Abr. 2020

GAGNEBIN, J. M. **História e narração em Walter Benjamin.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

JOBIM E SOUZA, S. Re-significando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, S; LEITE, M. I. (Orgs.) **Infância: fios e desafios da pesquisa.** Campinas: Papyrus, 1996. p. 39-55.

KAFKA, F. **Contemplação e o foguista.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

LORDE A. **Transformação do Silêncio em Linguagem e Ação.** 1984. Disponível em:< <https://theintercept.com/2019/11/27/audre-lorde-ensaio-irma-outsider/>>. Acesso em: 27 Abr. 2020

PASOLINI, P. P. **Estamos todos em perigo**: última entrevista de Pier Paolo Pasolini com Furio Colombo. Cadernos de leitura Chão da Feira, n. 86, 2019.

PRECIADO, P. B. Qui defend l'enfant queer? **Libération**. Disponível em: <http://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-l-enfant-queer_873947>.

Tradução disponível em: <<http://revistageni.org/10/quem-defende-a-crianca-queer/>>. Acessado em 30 jan, 2015. Original de 14 jan, 2013.

SALGADO, R. G.; SOUZA, L. L. Gêneros, sexualidades e infâncias: cenas de crianças na contramão da inocência. **Childhood & philosophy**, v. 14, n. 29, jan.-abr. pp. 241-258. 2018. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6249836.pdf>>. Acesso em: 09 Abr. 2020

Through the Windows: Urban sparks and childhood images.

Abstract: This article focuses on the power of storytelling. Narrating is an ethical, aesthetic and political act, developed in social psychology to recover memories, trajectories, conditions, lives and experiences that are systematically sidelined, when not intentionally destroyed, erased. The text operates as a game of remembrance and invention. In the course of memories, children destabilize the continuous relationship between past, present and future. Far from the idea of a watertight past, images of childhood are the protagonists of stories exchanged between two friends. Thus, here are stories like a child who plays with the remains of the city, another who fantasizes and invents other lives for himself, yet another, who on the way through the city resists the thrust to the binary conformation of places. All of them singularly supporting the invention of other gestures. Here the act of remembrance and narration sounds like an ethical imperative to face and the speeches that go through the bodies and modulate the experiences. The central inflection of this article is not in the search for truths based on the past time of the narrated stories, nor in the longing for clarifying answers. Through remembering, inventing and assembling distinct images, we can establish frames of meaning that support, even if temporarily, the complexity of current experiences. We believe that the narrative exercise acts as a destabilizing vector of the hegemonic ways of experiencing and representing gender and sexuality in the urban settings.

Keywords: Childhood. Narrative. Memory.

Por las ventanas: chispas urbanas e imágenes de la infancia.

Resumen: Este artículo se centra en el poder de contar historias. La narración es un acto ético, estético y político, desarrollado en psicología social para recuperar recuerdos, trayectorias, condiciones, vidas y experiencias que se dejan de lado sistemáticamente, cuando no se destruyen ni borran intencionalmente. El texto funciona como un juego de recuerdo e invención. En el curso de los recuerdos, los niños desestabilizan la relación continua entre pasado, presente y futuro. Lejos de la idea de un pasado hermético, las imágenes de la infancia son los personajes principales intercambiados entre dos amigos. Así, aquí hay historias como un niño que juega con los restos de la ciudad, otro que fantasea e inventa otras vidas para sí mismo, y otro que, en el camino por la ciudad, resiste el impulso a la conformación binaria de los lugares. Todos ellos apoyan singularmente la invención de otros gestos. Aquí el acto de recogimiento y narración suena como un

imperativo ético para enfrentar y los discursos que cruzan los cuerpos y modulan las experiencias. La inflexión central de este artículo no está en la búsqueda de verdades basadas en el tiempo pasado de las historias narradas, ni en el anhelo de aclarar las respuestas. Al recordar, inventar y ensamblar imágenes distintas, podemos establecer marcos de significado que respalden, aunque sea temporalmente, la complejidad de las experiencias actuales. Creemos que el ejercicio narrativo opera como un vector desestabilizador de las formas hegemónicas de experimentar y representar el género y la sexualidad en los entornos urbanos.

Palabras - Clave: Infancia. Narrativa. Memoria.

Recebido: 27/04/2020

Aceito: 31/07/2020



REBEH

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA